

# TORCIDAS DE NARIZ A BOURDIEU E PASSERON \*

José Carlos Durand

Sociólogo da Fundação Getúlio Vargas, de S. Paulo. Organizador da antologia *Educação e Hegemonia de Classe*, Rio, Zahar, 1979.

A minúcia com que Vincent Petit examina a articulação interna de *A Reprodução* revela um empenho obstinado em indicar as insuficiências dessa obra, que pretendeu sistematizar proposições em torno da imposição cultural na relação pedagógica formal. Escrita por dois sociólogos franceses, e tendo por apoio, entre outros, uma série de análises empíricas prévias acerca dos processos de seleção social e de inculcação cultural na escola francesa, *A Reprodução* recebeu uma bateria cerrada de objeções, mais intensamente partidadas de autores de filiação marxista. As críticas que, na França, se sucederam entre 1972 e 1973<sup>1</sup>, reproduziram-se posteriormente no exterior. No Brasil, após a tradução "a seco" da obra em 1975<sup>2</sup>, (isto é, sem comentários que procurassem pensá-la para o contexto brasileiro ou agregar uma nota sequer de apresentação), pôde-se vê-la severamente criticada em 1977 por Bárbara Freitag<sup>3</sup>. Em 1979, Luiz Antonio Cunha — outro analista da educação brasileira — dedicou-lhe extenso artigo<sup>4</sup>. Daí resultou um processo de incorporação/exclusão desses autores no campo da sociologia educacional brasileira. Bourdieu e Passeron passaram então a ser encarados como autores de uma sociologia — para não usar eufemismos — reacionária, cujo maior perigo estaria em convencer de que a eficácia da ação pedagógica na imposição ideológica da dominação de classe seria nada menos do que total e definitiva. Bento Prado Jr. apontou essa ordem de reservas aborrecidamente repetidas ao mencionar "objeções de inspiração marxista que *insistem, sem descontinuar* (grifo meu, JCD) no fato de que Bourdieu e Passeron, depois de descreverem a função reprodutiva da escola, calam a maneira pela qual é refletido, no espaço interior das instituições pedagógicas, o conflito de classes que atravessa o todo da sociedade. . ."<sup>5</sup>. Bento Prado Jr. foi o único a acentuar a dimensão positiva do livro, nele localizando o ponto de partida de um processo de *desconstrução* das representações vulgares acerca das instituições pedagógicas.

Não me proponho aqui responder à safra de objeções levantadas por Petit e os demais autores, por partilhar do que reputo ser a principal dentre elas, ou seja, de que a ênfase conferida por Bourdieu e Passeron às "maneiras de ser perante o saber" descambou em *A Reprodução* para uma descrença quanto a um saber universal que é pré-condição para estruturar uma ação política

transformadora. E, em conseqüência, por concordar que todo o saber como que ficou confundido perigosamente com uma aparência de saber, tornando impossível operar a clivagem verdade x falsidade, necessária à localização e combate da ideologia<sup>6</sup>. É válida, a meu ver, a observação de Petit segundo a qual, pela leitura de *A Reprodução*, a educação como que se reduz a um "jogo entre alunos ludibriados e professores cúmplices", na medida em que

\* Notas suscitadas pelo exame do artigo de V. Petit, "Les Contradictions de 'la Reproduction'", *La Pensée*, 168, abril 1973. O autor agradece a Aparecida Joly Gouveia pela discussão que levou a este texto e pelas observações feitas ao mesmo.

<sup>1</sup> Os títulos conhecidos são os seguintes: Prost, Antoine, "Une sociologie stérile: La Reproduction", *Esprit*, 398, 1970; Baudelot e Establet, *L'Ecole capitaliste en France*, Maspero, 1972; Petit, V., op. cit.; Sainsaulieu, R., "Sur la Reproduction de P. Bourdieu e J.C. Passeron" in *Revue Française de Sociologie*, V, 1, 3, julho/set. 1973.

<sup>2</sup> *A Reprodução, elementos para uma teoria do sistema de ensino*, Rio, Francisco Alves, 1975.

<sup>3</sup> Freitag, B., *Escola, Estado e Sociedade*. EDART-São Paulo Livraria Editora Ltda., 1977.

<sup>4</sup> "Notas para uma leitura da teoria da violência simbólica", in *Educação & Sociedade*, n.º 4, setembro 1979.

<sup>5</sup> Bento Prado Jr., "A educação depois de 1968, ou cem anos de ilusão", in *Descaminhos da educação pós-68*, São Paulo, Brasiliense, 1980, p. 20.

<sup>6</sup> Convém perceber que a linguagem empregada nas ciências sociais e na filosofia, o apelo à elegância na redação (a valorização explícita do estilo como se pode observar nos elogios em bancas de tese), o uso de epígrafes e um sem número de sinais indicam que a ênfase nas "maneiras de ser perante o saber" nesses domínios estão muito mais impregnadas do que se imagina. Assim, deve-se descartar a idéia de que seu exame só se justifique no ensino de letras, ou que a exploração da relação com a cultura, por meio da qual Bourdieu desmontou as condutas aristocratizantes no ensino superior francês, seja vigente apenas nos estudos literários, ou digam respeito a algo muito particular à França, como alguns insinuam a fim de restringir o alcance de sua análise. Basta cotejar os textos de ciências sociais com os relatos de pesquisa em biologia ou agronomia, por exemplo, para se ver que no nosso domínio se está muito longe da linguagem direta, econômica de palavras e de efeitos de retórica que se vê aplicada às ciências naturais. Basta ainda observar — por exemplo, nas seções da SBPC — as comunicações de cientistas naturais para reparar o quanto eles parecem "toscos" ou "caipiras" na sua estampa pessoal e na sua forma de expressão quando comparados aos cientistas sociais e ao engenho que estes mobilizam para cativar platéias.

provoca a dúvida absurda de se valeria ou não a pena o dominado pretender a educação escolar. Mas quero destacar uma dimensão das contribuições de Bourdieu que tende a ser negligenciada em razão dessa crítica severa, destaque esse que parece tanto mais oportuno quanto mais se conhecem os perigos daquela atitude de rejeição que consiste em "jogar a criança fora, junto com a água do banho"<sup>7</sup>. *A Reprodução* não pretendeu ser obra final de Bourdieu em seus estudos acerca do sistema escolar, nem este foi seu único ou principal objeto de interesse. Ao tempo em que a escreveu, Bourdieu avançou em termos empíricos e teóricos em formulações acerca da produção e circulação de significações na sociedade de classes. Nesse âmbito mais geral de preocupações, cuidou ele de esmiuçar a estrutura interna dos meios de produção da alta cultura.

A sociologia dos meios intelectuais a que então começou a empenhar-se derivou, durante os anos setenta, para um número apreciável de estudos sobre a constituição histórica e o estado atual de concorrência entre produtores culturais, intermediários e destinatários finais<sup>8</sup>. Por detrás desse programa, prevalecia a idéia de que os espaços da produção cultural são passíveis de uma análise sociológica, e que o principal obstáculo a essa sociologia está justamente no pretense caráter de exceção que a ideologia carismática da "criação" confere aos produtores da "alta" cultura, procurando fazê-las passar por práticas "desinteressadas". Todavia, tal crítica à ideologia dos dons, ou da genialidade, não chegaria a provocar tanta repulsa como provocou se a desconfiança de Bourdieu em relação ao caráter "único" da obra e do produtor não se fizesse acompanhar de uma desconfiança semelhante em relação ao que seria o *saldo final de efeitos políticos* do trabalho intelectual. Em outras palavras, se a teoria da ideologia, tão desenvolvida no marxismo, dá conta das correspondências que existem entre os interesses das classes fundamentais e sua expressão simbólica, na verdade ela capta tão somente os *efeitos políticos externos*, isto é, sobre o conflito de classes ao nível macro social, relegando ao silêncio os efeitos internos (em relação aos meios sociais dos produtores de cultura). No limite, uma linha de preocupações com esses efeitos internos admite que até mesmo o marxismo possa ser afetado, em sua eficiência política, pelos rituais do campo intelectual onde se constroem as reputações filosóficas e científicas e onde a produção se dá cada vez mais em termos de carreiras hierarquizadas e institucionalizadas e portanto protegidas por um *esprit de corps* que ajuda a assegurar uma condição de vida acomodada, e por vezes mesmo burguesa, a um bom número de intelectuais. Assim, a academicização do marxismo não passaria sem conseqüências para ele próprio enquanto teoria pretendente a arma política das classes proletárias<sup>9</sup>. Desse modo, se concordarmos com Petit que a escola serve à dominação de classe procedendo à "canalização" dos candidatos ao saber e à "neutralização" do poder de transformação das relações de classe imanente ao saber, poderemos acrescentar que a crítica à escola capitalista deve também incidir sobre o processo de academicização do marxismo e dos rituais de reassuramento da ortodoxia que pretendem opor, na sua versão mais vulgar, o "funcionalismo" (sinônimo sem mais de conservação, de

reacionarismo, de pobreza de espírito) ao "marxismo" (sinônimo sem mais de visão crítica global e de contestação revolucionária). Essa academicização seria uma das manifestações da referida neutralização.

Shanin, enfadado e irritado com interminável discussão em seu domínio de interesse, a agricultura capitalista, oferece um desabafo que bem ilustra o processo de neutralização referido. Comentando a "redescoberta" do camponês como tema de sociologia agrária na última década, redescoberta devida a uma conjunção de fatores entre os quais uma sucessão de crises na agricultura mundial, assinala ele: "a estrutura das casas editoriais transformou tudo isso em moda, crescentemente controlada pelas leis do mercado da moda. Isso significou um rápido aumento da utilização da palavra como um truque editorial (ao lado de mulheres nuas e camisas com retratos do Che). Significou brigar por dizer alguma coisa de novo ou de bom para fazer carreira, em um campo que se abarrotava depressa; muito antes que qualquer avanço real do conhecimento o justificasse. Fácil predizer o estágio seguinte, dentro da racionalidade de tais dinamismos acadêmicos: desencantamento, sinais de fastio com o termo utilizado em excesso e trivializado, descobertas de sua 'não-existência real', apelos à desconceituação, investidas em novos truques e, freqüentemente, tentativa de tirar academicamente proveito da desmitificação de velhas predileções (...). Estamos agora nos aproximando rapidamente desse estágio, dentro do ciclo da moda camponesa. Ela mostrou-se 'articulada a', e 'sobredeterminada conjuntamente' por uma onda de marxismo deducionista nas universidades ocidentais"<sup>10</sup>. Ressalvado o

<sup>7</sup> Note-se que o extenso e bem articulado texto de Cunha começa com um parágrafo em que destaca a relevância de *A Reprodução* como a obra mais importante de sociologia educacional escrita na esteira de Durkheim, após tanto tempo da edição dos escritos desse fundador sobre o assunto. E nada agrega, do segundo parágrafo em diante, que concretize ou convença dessa importância. Por que então a frase? Por que a necessidade desse bom-mocismo, se nada o confirma e, portanto, por que perder tanto tempo esmiuçando suas contradições e lacunas? Será que a isenção cedeu lugar à fúria exorcizante?

<sup>8</sup> Pode-se mencionar aqui o artigo "O mercado dos bens simbólicos", de 1970 (in Bourdieu, P., *A economia das trocas simbólicas*, Perspectiva, 1974) e indicar em bloco as contribuições do autor, e de sua equipe divulgadas na revista *Actes de la Recherche*, editada a partir de 1975. Não se trata aqui de querer desviar a atenção para outros domínios de pesquisa que ele enfrentou, mas sim mostrar que é essa sociologia dos meios intelectuais que permite situar muitas das questões que Bourdieu coloca a respeito do sistema de ensino e de sua inserção na sociedade de classes.

<sup>9</sup> Cf., por exemplo, o artigo de Bourdieu ironicamente intitulado "La lecture de Marx: quelques remarques critiques à propos de 'quelques remarques critiques à propos de Lire le Capital'", in *Actes de la Recherche*, 5/6 nov. 1975, onde é comentada a dimensão sacralizada a que pode chegar o marxismo, na medida em que seu cultivo acadêmico sanciona uma disputa infinita pela ortodoxia, acionando um processo de celebração recíproca entre os envolvidos nas grandes contendas teóricas, e a formação de uma coorte de sacerdotes autorizados.

<sup>10</sup> Shanin, Teodor, "A definição de camponês: conceituações e desconceituações. O velho e o novo em uma discussão marxista", in *Estudos Cebrap*, 26, 1980, pp. 41-80.

engano de Shanin em deslocar para a concorrência e para os interesses econômicos dos editores a responsabilidade maior da escalada da moda no campo cultural, nada mais eloquente do que essas linhas para mostrar a realidade interna de um campo cultural, sua temporalidade particular e os efeitos de imposição de temas, de linguagens e de maneirismos!

É útil observar nesse ponto uma situação interessante. Desde que o cientista social se valha das categorias marxistas para examinar como um determinado ramo ou setor da produção material em uma dada formação social se ajusta ao princípio da valorização do capital, destruindo ou redefinindo relações de trabalho não capitalistas, ele está, no cotidiano do campo intelectual onde o marxismo é hegemônico, à margem de dúvidas quanto ao seu trabalho ser simplesmente um "estudo de reprodução", e isento de objeções quanto à sua importância propriamente política. Quando, porém, em domínios que não tiveram, da parte de Marx, o mesmo desenvolvimento teórico que ele alcançou no exame da produção material, procurar valer-se de conceitos de outras matrizes ou tentar formular relações não formuladas, correrá o sério risco de ser acimado de "funcionalista", ainda que não pense a sociedade de classes como comunidade de interesse — este sim o vício de raiz que compromete como ideológica boa parte da sociologia ocidental, e a torna candidamente ingênua. Dessa forma, desde que tome as categorias marxistas como instrumental de análise (ou como retórica expositiva), poderá ele comprazer-se no exame interminável de conjunturas políticas bem distantes, de movimentos sociais que não deixaram seqüela alguma no presente, ou ainda poderá dedicar-se aos mais esotéricos ensaios epistemológicos, na convicção de que serve a interesses sociais alevantados. Ou seja, de que seu trabalho se inscreve na "luta de classes".

Essas observações são feitas para contestar a intransigência com que, em nome dos interesses das classes subalternas, são encaradas as formulações sociológicas que se atêm — para usar expressão reiteirada entre os críticos de Bourdieu — às "variações compatíveis com o sistema". É como se o pecado mortal de não apontarem explicitamente para contradições politicamente explosivas as comprometesse irremediavelmente como conhecimento real. Há muita "variação compatível com o sistema" ainda a ser conhecida, e sem dúvida alguma, as formas de competição pela excelência do mundo intelectual e acadêmico não tinham sido, até as formulações de Bourdieu, objeto de análise mais sistemática. Na verdade, o que parece provocar mais indignação não é o ter-se atido Bourdieu às "variações compatíveis com o sistema", mas o de ter lançado luz na condição socialmente privilegiada das "elites" intelectuais e de suas estratégias de ocultação desses privilégios em tomadas de posição proféticas e radicais que negam simbolicamente essa própria condição. Seria possível mesmo, sem querer provocar confusão, dizer que, considerada em si, a obra máxima de Marx, *O Capital*, vem a ser um grande esforço de abstração com o fito de captar a dinâmica da produção material retendo as "variações compatíveis com o sistema", a saber, com o princípio de valorização do capital. Afinal, é o próprio Marx quem adverte: "O que nos interessa aqui não é precisamente o grau mais ou menos alto de de-

envolvimento das contradições sociais que brotam das leis naturais da produção capitalista. Interessam-nos, antes, *essas leis em si, essas tendências que agem e impõem-se com necessidade férrea*" (grifos de Marx)<sup>11</sup>.

Tomando o conjunto das formulações de Bourdieu acerca do sistema escolar (particularmente o ensino superior) e dos princípios de estruturação interna dos meios culturais eruditos, e pensando-se a sua possibilidade de extrapolação aos campos universitário e cultural dos países periféricos, como o Brasil, percebe-se uma situação bastante diversa daquela defrontada em França. No Brasil, a produção cultural e os círculos de produtores encontram-se muito menos protegidos contra o exercício da força por parte das classes e grupos dominantes a nível do Estado. Bastaria mencionar sem pormenor o exercício da censura e as diretrizes de política educacional que exprimem uma tentativa muito nítida de impedir que os intelectuais exerçam poder sobre a seleção escolar (como, por exemplo, via vestibulares classificatórios ou via estímulo à privatização e expansão do ensino superior com fins comerciais) para se captar diferenças de relevo. Na França, ao contrário, conjugam-se os efeitos de uma maior difusão da cultura erudita a uma articulação muito mais forte da sociedade civil, que garante, ao mesmo tempo, continuidade ao jogo democrático no nível político, e proteção institucional aos intelectuais.

Apesar de tudo, como conseqüência de um modelo concentrador de riquezas e seu correlato educacional (aumento rápido das facilidades de escolarização das classes altas e médias a nível secundário e superior, em descompasso com a alfabetização das grandes massas das classes populares) vem o sistema escolar brasileiro expandindo-se e abrigando volumosos efetivos de professores. Isso aciona, por sua vez, maior profissionalização do trabalho cultural e uma diversificação maior das categorias de produtores e de intermediários envolvidos no circuito cultural. Em suma, rapidamente e com tendências de acentuação, o peso dos interesses categoriais e a rede de relações que unem os diversos tipos de intelectuais entre si e a suas instituições de trabalho, a agências de financiamento estatal, à rede de editoras, jornais e outros meios de divulgação, revestem o campo cultural de uma *densidade* que não pode ser negligenciada enquanto mediação no conflito de classes a nível mais amplo.

Na medida em que isso vier a ser percebido devidamente, verificar-se-á que muita coisa há se passando sob o sol e que é irredutível aos desígnios do capital ou do Estado totalitário.

<sup>11</sup> Marx, K., *O Capital*, prólogo à primeira edição, pg. XIV da edição do Fondo de Cultura Económica. Se se comparar o tempo que Marx despendeu com *O Capital* com o que ele gastou no *Manifesto Comunista* e em suas análises de conjuntura política, ver-se-á que a maior parte de seu esforço intelectual consumiu-se em ... "variações compatíveis com o sistema".